

Artigos

“De Criciúma para o mundo”: gênero, família e migração

Gláucia de Oliveira Assis

*Iracema voou para a América
Leva roupa de lã e anda lépida
Vê um filme de quando em vez
Não domina o idioma inglês
Lava chão numa casa de chá
(...)
Chico Buarque*

Assim como a Iracema da música de Chico, vários brasileiros voaram para a “América”. Este novo movimento da população brasileira, que na década de 90 consolidou uma migração para os Estados Unidos, a Europa e o Japão, marca uma inversão da auto-imagem do país como uma nação de imigrantes. Conforme demonstraram vários estudos (Sales 1992 e 1999, Assis 1999 e 2002, Martes 1999, Margolis 1994), o fluxo de brasileiros para o exterior tornou-se uma questão relevante na medida em que o que era um movimento esporádico para o estrangeiro nos anos 70 se transformou num fluxo migratório demograficamente significativo. É importante destacar ainda que ocorreu no mesmo período uma nova corrente migratória para o Brasil (cf. Assis e Sasaki 2001). Esses dois movimentos de e/ imigração colocaram o Brasil, no final do século XX, nos novos fluxos internacionais de mão-de-obra.

Os novos movimentos da população mundial iniciados no final dos anos 50 se caracterizam pela maior diversidade étnica, de classe e de gênero, bem como pelas múltiplas relações que se estabelecem entre as sociedades de destino e de origem dos fluxos. Dessa forma, não são apenas os europeus brancos partindo da Europa para “fazer a América” (cerca de 90% dos fluxos do século XIX), mas também

Campos 3:31-49, 2003.

os trabalhadores imigrantes não-brancos partindo dos países periféricos e se dirigindo para os Estados Unidos, Canadá e outros países da Europa.

Nos versos da música de Chico Buarque há ainda um sugestivo tema para este artigo. Iracema, emigrante brasileira, é uma mulher e participa, como outros milhares de emigrantes brasileiros, do projeto de tentar a vida na “América”. Essa característica, não apenas da migração de brasileiros, mas da migração internacional contemporânea, aponta para o aumento da participação feminina na mesma. Segundo Zlotnik (1998), o número de mulheres migrantes no mundo aumentou 63% - de 35 milhões par 57 milhões - entre 1965 e 1990, um crescimento 8% maior que o dos migrantes masculinos. Nos Estados Unidos, 53,3% dos novos imigrantes eram mulheres em 1998.

A maior visibilidade das mulheres nas migrações internacionais recentes contribuiu para problematizar as visões cristalizadas sobre a inserção de homens e mulheres nesse processo pois, conforme demonstrarei ao longo do artigo, os estudiosos de migrações internacionais, até meados dos anos 80, analisaram a migração sem considerar a perspectiva de gênero. Segundo Morokvasic (1984), as mulheres eram representadas de maneira estereotipada como aquelas que seguem os homens – como “dependentes passivas”.

No caso da recente emigração de brasileiros para os Estados Unidos, as pesquisas começaram seguindo o percurso dos próprios fluxos migratórios. Os primeiros estudos (Sales 1992, Margolis 1994, Assis 1995, Soares 1995) traçaram um perfil da população e apontaram para a cidade de Governador Valadares (MG) como ponto de partida de emigrantes para os Estados Unidos. Ao longo dos anos 90, conforme demonstram os trabalhos de Martes (2000), Sales (1999), Reis e Sales (1999), o fluxo de brasileiros para os Estados Unidos se manteve contínuo, ao mesmo tempo em que se diversificava a população, complexificando as características da população migrante, bem como revelando outros pontos de partida para a emigração.

Dentre esses trabalhos, alguns apontaram para a inserção diferenciada de homens e mulheres ao longo do processo migratório. Martes (1999) descreveu o nicho criado pelas mulheres brasileiras no setor da faxina doméstica em Boston. Debiaggi (2002) analisou o impacto nas relações entre homens e mulheres quando essas passam a ganhar tanto ou mais que os homens. O trabalho de Fusco (1999/2000), embora não trabalhe com o recorte de gênero para analisar as relações entre homens e mulheres, discute os diferenciais por sexo na migração de valadarenses para os Estados Unidos, reunindo dados que demonstram que as mulheres participam de forma ativa da migração de longa distância, integrando redes de migração. Esses trabalhos representam uma tentativa de compreender a inserção de homens e mulheres na recente emigração de brasileiros.

Para analisar essas questões selecionei uma cidade no Brasil que, assim como Governador Valadares (MG), tem surgido como ponto de partida de emigrantes para o exterior. No final do século XX, em meados dos anos 90,

a cidade de Criciúma (SC) emergiu como ponto de partida de emigrantes para os Estados Unidos e Itália. O presente trabalho faz parte de uma pesquisa em curso² que pretende analisar as trajetórias dos emigrantes revelando os (re)arranjos familiares e de gênero que ocorrem no processo migratório. A pesquisa se valeu da reconstrução das trajetórias dos emigrantes por meio de entrevistas. Numa primeira etapa, realizada em Criciúma, foram entrevistados parentes dos emigrantes e também foi realizado um *survey* para traçar um perfil da população. A segunda etapa se desenvolveu na região de Boston (EUA), onde se concentram os migrantes brasileiros.

Neste artigo, visando compreender melhor a problemática das relações familiares e de gênero no contexto da migração internacional, discuto inicialmente como as mulheres imigrantes foram analisadas nos estudos sobre migração. Num segundo momento, a partir de dados do trabalho de campo em Criciúma e na região de Boston, procuro analisar o impacto dos movimentos migratórios nos (re)arranjos familiares e de gênero.

AS MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS E OS ESTUDOS DE GÊNERO

O Museu de Ellis Island³ pode nos dar um ponto de partida para começarmos a perceber como as mulheres foram retratadas no processo migratório para os Estados Unidos e, de forma mais geral, como as mulheres são representadas nas migrações internacionais. As várias fotos que reconstróem a passagem de milhões de migrantes para entrar nos Estados Unidos evidenciam quais eram as expectativas do Serviço de Imigração. Nas fotos que representam a chegada dos homens, a pergunta é: "*Você tem trabalho?*", enquanto que nas fotos em que aparecem as mulheres consta a pergunta: "*Você é casada?*". Essas imagens revelam diferentes expectativas e representações em relações aos migrantes, que também são recorrentes nas teorias sobre migrações internacionais.

As migrações internacionais contemporâneas têm colocado questões significativas para as teorias das migrações. É interessante observar que, embora as mulheres estivessem presentes nos fluxos internacionais do final do século XIX, sua inserção era analisada como aquelas que acompanhavam ou como aquelas que esperavam por seus maridos ou filhos (Morokvasik 1984, Boyd 1989, Grieco & Boyd 2001). Segundo Morokvasik (1984), o fato de a migração internacional ser analisada como predominantemente constituída por trabalhadores homens encobre a participação das mulheres, não apenas acompanhando seus maridos, mas se inserindo como força de trabalho. Essas análises também não percebiam que a migração de longa distância ocorre articulada numa complexa rede de relações sociais, na qual as mulheres têm uma importante participação.

Uma das explicações para o englobamento das mulheres na categoria migrante era que os homens eram a maioria nos fluxos internacionais, o que corresponde à visão de homens migrando sozinhos e desenraizados. Tal

perspectiva de caracterização da migração, como dominada por homens jovens solteiros e economicamente motivados, contribuiu para que não se percebesse um dado significativo: a predominância das mulheres nos fluxos internacionais desde 1930. Para Houston, Kramer e Barrett (1984), poucos pesquisadores de migração (e poucos políticos) têm percebido que a migração legal para os Estados Unidos - muito maior que todo fluxo o internacional - foi dominada por mulheres na última metade do século XIX. Esse dado demográfico, que por muito tempo não chamou a atenção de pesquisadores, revela que mesmo quando havia predominância de mulheres nos fluxos, como no caso da migração de irlandeses para os Estados Unidos no século XIX, as mulheres não tiveram suas experiências tratadas como objeto de análise (Donato 1992, Simon 1992).

Isso significa que, embora a variável sexo fosse reconhecida na seletividade da migração, as análises não contemplavam o aspecto gênero. Por isso, só recentemente, conforme destacaram Chant e Radcliffe (1992:19), a participação feminina no processo migratório foi incluída dentro da teoria geral das migrações. Conseqüentemente, as razões e características da mobilidade diferenciada por gênero não eram adequadamente enfocadas: sujeitos migrantes eram assumidos como sendo do gênero masculino, enquanto que as populações de migrantes eram geralmente apresentadas sem que se desse visibilidade ao gênero.

Nas duas últimas décadas do século XX, vários estudos (Gabaccia 1992, Boyd 1989, Morokvasic 1984, Hodagenu-Sotelo 1994, Pessar 1999) passaram a criticar a forma como as mulheres eram analisadas nos estudos de migração e buscaram, a partir de diferentes perspectivas teóricas, abordar a experiência migratória como atravessada por relações de gênero. Esses estudos demonstraram a importância de se questionar a perspectiva que enfatiza o trabalhador migrante como sendo essencialmente homem.

Como seriam as mulheres de diferentes origens nacionais nos novos fluxos de migrantes? Embora se destaquem algumas diferenças, haveria ainda mais similaridades na vida dessas mulheres migrantes de origens nacionais distintas. Simon (1992) demonstra que migrantes mulheres são mais visíveis nos campos profissionais, assim como nos serviços menos qualificados. Donato (1992) se refere à migração de mulheres trabalhadoras profissionais de saúde para alguns países, enquanto Prieto (1992) enfatiza o *background* de classe média de muitas imigrantes cubanas que conseguiram trabalhos bem remunerados nos Estados Unidos. Para Gabaccia (1992), as diferenças de classe entre as mulheres migrantes são mais fortes hoje. Em contraste, a grande maioria das mulheres imigrantes do século XIX e do início do século XX vinha de um mundo camponês ou de pequenas cidades, tendo trabalhado na agricultura, em serviços domésticos e, em pequena escala, na indústria, o que já não ocorre contemporaneamente, quando a maior parte das mulheres provém de regiões urbanas.

Entretanto, um outro conjunto de fatores de ordem não-econômica parece ter impacto na seletividade da migração e é mencionado mais por mulheres do que por homens. Nos contextos em que há limites para a mobilidade

de mulheres, algumas delas, marginalizadas na sociedade de origem - como viúvas, mulheres rejeitadas por não agirem conforme os padrões estabelecidos em suas sociedades ou mulheres separadas (Anzedian e Striff 1981:94 *apud* Morokvasic 1984) -, sofreriam, nessas condições, pressão social para migrar. Podem ser citados como fatores não-econômicos a transgressão dos limites sexuais impostos pela sociedade, os problemas conjugais e a violência física, a impossibilidade de divórcio, os casamentos infelizes e desfeitos, a discriminação contra grupos específicos de mulheres e a ausência de oportunidades para as mulheres. Conforme Morokvasic (1984), esses estudos apontaram para o fato de que as mulheres migram não apenas por razões econômicas, mas também por rompimento com sociedades discriminatórias, nas quais estariam em posição subordinada. Portanto, nos fluxos contemporâneos, as mulheres tendem a migrar sozinhas ou como primeiras em suas famílias, pioneiras em encontrar trabalho nos Estados Unidos, quebrando a imagem daquelas que esperam ou que seguiriam os passos dos homens.

É importante destacar que a invisibilidade da inserção das mulheres nos fluxos migratórios também estava relacionada à perspectiva teórica com que se analisava a migração até meados da década de 60. Até então, os estudos sobre os milhares de imigrantes homens e mulheres que chegaram aos Estados Unidos foram muito influenciados pela Escola de Chicago. Nesse sentido, suas análises se centravam na assimilação e na adaptação dos imigrantes, não dando atenção às questões de gênero, de classe ou de raça. Estudos clássicos como os de Thomas e Znaniecki (1984) e o de Handling (1971) perceberam os migrantes como estando em ruptura com a sociedade de origem e inseridos em um processo de assimilação dos valores modernos da sociedade de recepção, enfatizando mais os processos de ruptura do que as reconstruções de identidade nos contextos de migração.

A revitalização dos estudos étnicos nos anos 60 e o desenvolvimento dos estudos feministas produziram questionamentos que colocaram novas problemáticas para a compreensão dos fluxos migratórios. Para Gabaccia (1992), os estudos étnicos e de mulheres, embora tivessem suas origens nas lutas políticas dos anos 60, divergem quanto às preocupações. Nos anos 60 e 70, os estudos étnicos demonstraram que as velhas visões de inevitável assimilação e de diminuição da influência da etnicidade foram contestadas com uma nova visão de persistência dos laços étnicos e de pluralismo na sociedade americana. Por isso, a economia familiar, as comunidades étnicas e os laços familiares passaram a ser vistos como fonte de persistência, de solidariedade étnica, e como uma estratégia de oposição contra a discriminação e a marginalização. A partir da constatação de que os grupos imigrantes se tornavam grupos étnicos e de que, portanto, as diferenças não estavam sendo diluídas e sim reafirmadas, o conceito de etnicidade passaria a problematizar e a instrumentalizar análises sobre permanências e rupturas das identidades no contexto da migração. Logo, a etnicidade era vista como uma fonte de solidariedade no grupo migrante.

Por outro lado, os estudos sobre mulheres, em outra perspectiva, revelaram uma dimensão única da

experiência feminina. Com a preocupação de dar visibilidade à participação das mulheres nos fluxos migratórios, muitas vezes a mulher retratada parecia ser uma mulher universal, branca e pertencente à classe média. Assim, se os estudos étnicos ignoravam as diferenças entre homens e mulheres, os estudos de gênero ignoravam as diferenças de classe e etnia entre as mulheres. Os estudos de mulheres imigrantes, diferentemente dos estudos étnicos, definiram a família como um *locus* de opressão feminina, e não como ponto de partida para a solidariedade entre gêneros (Gabaccia 1992). A observação de Gabaccia é importante porque nos ajuda a compreender como a categoria gênero foi sendo incorporada aos estudos de migração. Ao demonstrar o ponto em que divergem os estudos étnicos e os estudos de gênero, a autora aponta para a necessidade de os estudos de migração procurarem um enfoque que contemple gênero, raça e classe em uma abordagem mais multidisciplinar.

À medida que os estudos de imigração incorporam a perspectiva de gênero⁴, as experiências de homens e mulheres emergem. Yanagizako (1977) demonstrou como as mulheres da primeira e da segunda geração de imigrantes japonesas, centradas nas suas redes de parentesco, criaram novas formas culturais e símbolos no contexto de migração. Em outro estudo sobre imigrantes japonesas nos Estados Unidos e suas filhas nipo-americanas, Glenn (1986) demonstra que elas obtêm, através de seu trabalho, rendimentos essenciais para a manutenção econômica de suas famílias na nova sociedade. Além disso, demonstra que conseguem articular o trabalho com uma série de atividades reprodutivas necessárias para manter os membros da família na força de trabalho. Em ambos os casos, as mulheres emergem como articuladoras de redes sociais. Segundo Boyd (1989), as mulheres têm uma importante participação nas redes sociais, uma vez que, utilizando-se dessa rede de informações - que indica, no local de destino, quem vai receber, como arranjar emprego, quem auxilia nos primeiros momentos da chegada ao estrangeiro -, as famílias atenuam os riscos da migração de longa distância. Assim, tanto na sociedade de destino como na sociedade de origem as mulheres articulam e mantêm estas redes sociais.

As teorias de redes sociais constituem uma das abordagens alternativas aos extremos da teoria neoclássica e do determinismo estrutural (Pessar 1999; Boyd 1989). Para essas autoras, enquanto as transformações macroestruturais são compreendidas como desencadeadoras das pressões migratórias, as famílias e as redes sociais respondem a tais pressões e determinam quais membros dos domicílios e das comunidades realmente migram. Nesse contexto, a migração, articulada pelas redes sociais, também vai deixando de ser vista apenas como decisão racional de um indivíduo para ser encarada como uma estratégia de grupos familiares, de amizade ou de vizinhança nos quais as mulheres se inserem ativamente.

Nesse ponto, a partir dos dados da pesquisa realizada em Criciúma (SC) e na região de Boston, nos Estados Unidos, analiso como as redes sociais contribuem para compreendermos os fluxos migratórios internacionais e o impacto destes sobre as relações familiares e de gênero.

PARTINDO DE CRICIÚMA: TECENDO REDES FAMILIARES E DE GÊNERO RUMO AOS ESTADOS UNIDOS

A região que hoje compreende a cidade de Criciúma⁵ está localizada ao sul do estado de Santa Catarina e distante de Florianópolis 190 quilômetros (via BR 101). No final do século XIX, a região sul do Estado de Santa Catarina se constituiu num encontro de etnias, das quais a italiana representa uma parcela significativa (Arns 1985, Baldin 1987, Nascimento 1993), que ali se instalaram como aspiração do governo ao projeto de colonização de terras do interior do país com mão-de-obra européia e não mais escrava.

Os imigrantes chegaram em 1880 à região da pequena vila de São João de Cresciúma com a tarefa de colonizá-la. A vila foi fundada por 22 famílias, num total de 141 pessoas assim distribuídas: 79 homens e 62 mulheres (Nascimento 1993). As famílias imigrantes vieram principalmente do Norte da Itália, especialmente Treviso, Beluno e Cremonana. Os imigrantes vieram através de incentivos do governo brasileiro, que se utilizava de companhias de migração para trazê-los (Baldin 1987, Arns 1985, Alvim 1999). Eram homens e mulheres que migravam em famílias. As mulheres não migravam sozinhas. Em sua maioria, eram pequenos agricultores que vieram em busca de um pedaço de terra para garantir melhores condições de vida para seus filhos.

Nos relatos sobre a fundação da cidade se destaca a imagem do imigrante pioneiro e da migração familiar. É importante observar que os relatos sobre a história da cidade enfatizam a imagem heróica do pioneiro, enfatizando como os imigrantes deixaram a Itália, um país em crise após a unificação, e migraram para o Brasil em busca de terra e melhores condições de vida. O sucesso migratório é apresentado como resultado da coragem e do empenho dos imigrantes, pois eram colonos sem terra na Itália que se tornaram proprietários de pequenos lotes no Brasil e prosperaram.

Passados 120 anos da chegada dos imigrantes à cidade, seus descendentes iniciaram um novo movimento, um *caminho inverso*, conforme denominou Savoldi (1998) ao se referir ao movimento de retorno dos descendentes de imigrantes italianos para a terra de seus tataravôs. No final do século XX, Criciúma tornou-se um ponto de partida de emigrantes para algumas regiões da grande Boston, concentrando-se nas cidades de Lowell, Sommerville e Everett (dados do campo), e para algumas cidades da Itália, onde há parentes e amigos que os auxiliam e estimulam na migração.

Segundo os moradores da cidade, o movimento de emigração estaria relacionado com a crise do setor carbonífero (Teixeira 1996), o qual, até início dos anos 90, constituía-se na principal atividade econômica da região. A crise econômica, iniciada no final da década de 80 e agravada na década de 90, aponta para uma das razões que tornaram a cidade ponto de partida de inúmeros emigrantes em busca de trabalho na Itália ou nos Estados Unidos, embora não possamos reduzir a migração às motivações econômicas. Como demonstrarei a seguir, a emigração

para a Itália e para os Estados Unidos também está associada a uma cultura migratória presente na cidade, que valoriza as representações dos imigrantes que lá chegaram no final do século XIX e, de certa forma, é lembrada/atualizada para estimular os descendentes que decidem tentar a vida em outro lugar, no estrangeiro. Além dessa cultura migratória presente na região, o desenvolvimento de laços que conectam Criciúma e algumas cidades na região de Boston sugerem a constituição e o amadurecimento de redes sociais ao longo do processo migratório.

Ao iniciar a pesquisa, não dispunha de dados que traçassem um perfil dessa população. Esses dados foram obtidos através de um *survey*⁶ realizado na cidade. O levantamento constatou que uma parcela de 3,2% da população de Criciúma tem experiência migratória internacional, o que demonstra a relevância da migração para a cidade, já que a média nacional, segundo dados do IBGE, é de 1% da população brasileira vivendo no exterior. Ainda segundo o *survey*, a população migrante é constituída por imigrantes jovens (19,7%), está na faixa etária de 25-29 anos e corresponde, em geral, descendentes de imigrantes para a cidade.

Para pensarmos como se constrói essa cultura migratória, quais as conexões possíveis entre os imigrantes do passado e os emigrantes do presente, e como são recriados os laços familiares, seja na Itália, nos Estados Unidos ou no Brasil, são importantes as festas que comemoram a vinda das primeiras famílias para a região e atualizam as ligações com a terra natal dos tataravôs. Essas festas ganharam impulso principalmente após o movimento de revitalização das festas italianas na região sul do estado (Savoldi 1998, Fantin 1998)⁷ e por isso se constituem num material interessante. As festas de família mobilizam, em geral, os descendentes da terceira geração, os quais ainda têm lembranças dos bisavôs e, ao mesmo tempo, passam pela experiência de ver seus filhos(as) e sobrinhos(as) partindo para a Itália e para os Estados Unidos. Com esse novo fenômeno, as festas de família reforçam as ligações com o imaginário da migração pois, além de reviver o passado imigratório, também tentam incluir os novos emigrantes do final do século XX. Muitos vêm de longe para participar das mesmas, como pode ser observado no boletim elaborado por ocasião da festa de 120 anos de imigração de uma das famílias da cidade.

No boletim intitulado "Informativo da Família DeLuca – a comemoração aos 120 anos da imigração de Paolo DeLuca ao Brasil"⁸ (junho/2000- n.º 5), encontramos uma parte dedicada aos imigrantes e, na página seguinte, encontramos uma seção que inspirou o título deste artigo: "De Criciúma para o mundo". Vejamos como são descritos os novos migrantes de Criciúma:

"O engenheiro civil e surfista Renatinho DeLuca, que aterrisou há trinta dias nos Estados Unidos, acaba de ser encontrado por dois amigos criciumenses em Boston, de uniforme de Mac Donald's e de vassoura na mão" (*Jornal Comemorativo Família DeLuca*, maio 2000).

"A informação acima estampada no jornal *O Dia*, de Criciúma, 18/05/2000, mostrou de forma simplificada as novas formas de emigração no mundo globalizado em que as pessoas, num mesmo dia, podem estar em quaisquer partes deste planeta e exercer a atividade que desejarem. Certamente nos tempos de *Paolo* (grifos da autora) a coragem de viajar rumo ao desconhecido, com seis filhos menores de 18 anos, sabendo que não haveria retorno, nos dá um exemplo de que, graças a essa coragem, possuímos hoje melhores condições de sobrevivência e que podemos voltar para casa ou estarmos em casa não importa onde estivermos" (*Jornal Comemorativo Família Delucca*, maio 2000).

A história de Paolo, imigrante italiano que chegou a região no final do século XIX, ocupa a página central do jornal. E como se quissem fazer uma ligação entre o passado e o presente, assim que viramos a página do boletim encontramos a localização dos emigrantes que no final do século XX se encontravam "espalhados pelo mundo".

"No desenvolvimento do cadastro da família para contatos para a festa foram encontrados diversos primos descendentes de Paolo que, por diversas razões, encontram-se espalhados pelo mundo, seja por razões profissionais, aventura, estudos ou sobrevivência. A estas pessoas abaixo relacionadas e àquelas que não temos cadastrado, desejamos sucesso e que, se desejarem por lá permanecer, sejam portadores da coragem e do exemplo de nossos antepassados no Brasil" (*Jornal Comemorativo da Família Delucca*, maio de 2000).

Esse exemplo é interessante, pois evidencia a tentativa de estabelecer uma ligação entre o passado e o presente através dos relatos de migração. No entanto, a "mística" em torno dos migrantes encobre, muitas vezes, as diferenças entre os migrantes do final do século XIX e os emigrantes desse início de século XXI e reforçam o imaginário da migração como uma "aventura". Os imigrantes do século XIX vieram através de uma política migratória definida pelo governo do Império e mais tarde da República. Eram agricultores que migraram para ter acesso à terra, vieram para o interior do país para colonizá-lo e sua migração era legal, já que faziam parte de uma política imigratória nacional e grande parte da migração ocorreu em grupos familiares (Baldin 1987, Alvim 1999).

Os emigrantes contemporâneos são em geral jovens, de nível secundário e muitas vezes universitário, que vão para a Itália porque lá podem trabalhar legalmente. Já a emigração para os Estados Unidos tem um caráter diferente, pois mesmo sendo portadores de passaporte italiano, com o tempo os migrantes ficam ilegais nos Estados Unidos. Há também uma maior diversidade étnica e de gênero, pois há uma maior participação das mulheres migrando sozinhas ou acompanhadas de parentes. Os migrantes partem para cidades industriais nos países de destino. As conexões entre aqueles que partiram e aqueles que ficaram também são mais frequentes, pois num mundo globalizado as distâncias ficaram mais curtas com o desenvolvimento dos meios de transportes e comunicação. Os contatos mais frequentes através de cartas (Assis: 1999), telefonemas e mais recentemente

pela internet indicam que os novos migrantes vivenciam a experiência de viver entre duas culturas. A construção de um campo de relações sociais entre o país de destino e os locais de origem sugere ainda o caráter transnacional (Glick-Schiller, Bash & Blanc-Szaton 1992) desses deslocamentos.

O informativo é revelador da tentativa de atribuir aos migrantes hoje a mesma “mística” de coragem de seus antepassados. Assim, ao narrar que um engenheiro está nos Estados Unidos trabalhando num MacDonalD’s, ele é apresentado com o *status* profissional do Brasil e não como mais um integrante do mercado direcionado para o migrante indocumentado nos Estados Unidos. A narrativa, através do artifício de se referir à qualificação profissional no Brasil, busca amenizar o caráter de trabalho secundário, que é o setor no qual se insere o migrante brasileiro, e centra-se no aspecto da aventura.

Por outro lado, a matéria evidencia a importância das redes familiares na migração, porque é na região de Boston (cidades de Everett, Somerville, Malden) que mais se concentram migrantes dessa mesma família, o que revela a importância da constituição e do amadurecimento de redes sociais, pois partem para onde já existem outros imigrantes brasileiros estabelecidos. A família se espalha pelo mundo mas, em sua maioria, seus membros migram para cidades dos Estados Unidos ou da Itália, onde têm outros parentes ou conterrâneos.

As redes familiares construídas ao longo do processo, quando aqueles que já se estabeleceram nos Estados Unidos acolhem os que pretendem empreender essa difícil “aventura”, evidenciam que esse projeto individual, em geral, está sustentado nas relações familiares. Nessas redes, as mães, as esposas, as irmãs e namoradas são muito importantes, pois fazem circular as informações entre os demais membros das famílias. O que se constata tanto por parte daqueles que partiram quanto daqueles que ficaram é que há uma tentativa de manter os laços dos emigrantes com o Brasil, com os familiares. Esses laços familiares, no entanto, parecem um pouco mais flexíveis ou, pelo menos, são colocados em questão.

Para apresentar como atuam as redes familiares ao longo do processo migratório, apresentarei a trajetória da família Venturini e procurarei reconstruir o lugar de homens e mulheres, maridos e esposas, filhos e filhas. A trajetória dessa família revela como a migração familiar ocorre percorrendo diferentes caminhos, de modo semelhante ao que destacou Hondagneu-Sotelo (1994) ao analisar o estabelecimento de famílias mexicanas nos Estados Unidos. Para a autora, a migração familiar pode ser classificada em três tipos: estágio familiar de migração, no qual a migração ocorre em etapas, migrando inicialmente o marido, depois a mulher e as crianças; migração da unidade familiar, na qual os casais e filhos migram juntos; e migração independente, quando migram os solteiros. Os vetores críticos desta tipologia são: gênero e geração.

FAMÍLIA VENTURINI

A família Venturini, composta por descendentes de imigrantes italianos e espanhóis que chegaram à região de Criciúma no final do século XIX, hoje vivencia a emigração de seus descendentes para a Europa e os Estados Unidos. A história dos descendentes, principalmente dos italianos, é muito valorizada, e os netos ainda se lembram das histórias contadas pelos "nonos" e pelas "nonas". A família é de classe média: o pai era um pequeno empresário e a mãe era professora aposentada no momento em que decidiram migrar. Quando iniciaram a trajetória de migração, os filhos mais velhos estavam ingressando na faculdade.

Para reconstruir à trajetória da família Venturini, conversei entre outros com Lorena e Patrícia, com os pais José e Martina, e com as tias Manuela e Carmela. Embora não tenha falado com todos integrantes da família, as entrevistas forneceram um quadro do movimento da família entre os Estados Unidos e o Brasil.

Em 2001, quando iniciei as entrevistas com a família, dos cinco irmãos, três estavam nos Estados Unidos, os pais e um de seus irmãos estavam no Brasil como migrantes retornados e Lorena estava de malas prontas para a Europa, aguardando apenas a resolução do processo de cidadania italiana do namorado para ir para a Inglaterra. O destino dela se modificou porque, em sua última ida para os Estados Unidos, em janeiro de 2000, havia sido barrada pelo Serviço de Imigração e deportada, pois tentou entrar com o passaporte italiano e, como não falava o idioma, desconfiaram de que ela era migrante. Mas essa é uma longa história...

A genealogia tentou captar essa família espalhada entre o Brasil, os Estados Unidos e a Inglaterra. Essa família de descendentes de italianos e espanhóis vê os filhos e os netos viverem a experiência de viver entre dois lugares. A genealogia da família demonstra ainda a primeira geração de brasileiros nascidos nos Estados Unidos, uma tendência que foi observada no trabalho de campo na região de Boston.

Lorena Venturini é uma jovem de 22 anos que viveu desde os 14 entre os Estados Unidos e o Brasil. Sua trajetória se insere nas redes familiares de migração e revela como a migração se torna um projeto familiar. Vejamos sua descrição de como a família foi se tornando migrante.

"Meu irmão, ele e mais outro foram na cara e na coragem e a mãe tinha um primo lá. Aí foram e ficaram dois anos. Ficaram direto sem voltar e de vez em quando telefonava, claro. Daí a mãe resolveu que ela e o pai iam lá passear, iam passear e voltar. O pai tinha loja de calçados e não podia sair. Aí a minha mãe e o outro irmão mais novo... Aí foi assim, eles iam primeiro, a gente não ia vender nada, eu o meu irmão e o meu pai tomamos conta de tudo, se eles gostassem de lá a gente venderia as coisas e ia embora para lá também (...).

Aí foram, ficaram um mês e meio, um mês passeando né? Aí a mãe ligou dizendo que tinha adorado que não voltava mais e que era para a gente vender as coisas, dar um jeito em tudo, daí um mês e meio meu pai vendeu a loja para a minha tia e a gente alugou esta casa e a minha irmã mais velha não quis ir. Aí a minha irmã mais velha

ficou morando com a avó e fui eu e o pai. Tava quase toda a família lá já fazia uns oito meses e a minha irmã resolveu ir também. Ela não tinha visto daí veio visto de três meses aí ela não pôde pensar muito, teve que ir rapidinho. Toda a família inteira a gente ficou dois anos” (Lorena Venturini).

Ao longo de seu depoimento, Lorena foi demonstrando como mudaram suas expectativas em relação à vida em Criciúma. Na realidade, desde o início da entrevista, diz que sempre quis sair da cidade. Considera migrar para outro lugar, ao invés de permanecer em Criciúma, como uma possibilidade de não repetir a trajetória das amigas que, ficando em Criciúma, já estão casadas e com filhos. Esse depoimento indica uma outra peculiaridade das redes familiares no processo migratório, que diz respeito ao *status* das mulheres, pois essas percebem na migração uma possibilidade de maior autonomia, de traçar outro percurso, tornando-se mais independentes.

A família Venturini foi se estruturando entre os dois lugares, estabelecendo uma rede de relações na qual pais e filhos redefiniram suas posições ao longo do processo. Durante a permanência nos Estados Unidos, o pai se sentiu com menor autoridade sobre os filhos, o que foi um dos fatores que o motivou a retornar ao Brasil. “*Não tinha mais o controle dos meus filhos(as)*”, relatou em sua entrevista. Ao mesmo tempo, os filhos e filhas sentiam maior autonomia para decidir onde viver. Os mais jovens, como Lorena e Matheus, circularam mais entre os Estados Unidos e o Brasil e agora, Inglaterra, no caso de Lorena. Segundo o relato dos pais, os filhos continuaram a ajudar a família, mesmo depois de estabelecidos no exterior. Em contrapartida, são os pais que administram os investimentos e também cuidam das netas quando vêm ao Brasil. O exemplo da família Venturini é interessante para compreendermos com se constroem e se consolidam as redes de migração.

Essas redes sugerem a pertinência da análise de Yanagizako (1977) para compreendermos como as redes familiares dos imigrantes criciumenses se configuram. Analisando duas gerações de imigrantes japoneses, Yanagizako (1977) demonstrou a importância das mulheres na articulação das redes de parentesco. Assim, ao invés de perceber essa atuação das mulheres nas relações de parentesco como matrifocalidade⁹, a autora aponta para a centralidade das mulheres nas redes de parentesco, interconectando outros domicílios.

A trajetória da família Venturini nos leva a pensar que também nesse caso as mulheres atuam como articuladoras de redes de parentesco, pois se observa um padrão semelhante ao descrito por Yanagizako (1977), que sugere que essa rede feminina se constrói da mesma forma. Os pais e irmão de Marcos, quando migraram, embora tenham ido encontrar com o filho mais velho que já estava estabelecido nos Estados Unidos, não encontraram nele o apoio que esperavam. Marcos já estava casado e havia constituído uma nova família, o que criou conflitos com sua família de origem. Diante desse fato, a segunda filha, Patrícia, que migrou oito meses depois, foi quem assumiu ficar junto com a família de origem e ajudar a realizar os objetivos. A mãe logo arranhou um emprego de faxineira junto com uma prima materna, com quem trabalhou inicialmente antes de entrar para

uma firma de faxina na região de Boston. Por outro lado, Lorena nos relata que sempre que retornou aos Estados Unidos ficou na casa da irmã, mesmo o irmão mais velho morando na mesma cidade. A tia materna, quando migrou para os Estados Unidos, também ficou na casa de Patrícia nos primeiros tempos, e foi ela que a ajudou a arranjar trabalho no mesmo local onde trabalhava, uma loja de confecções. Segundo os pais, as filhas mantêm-se em contato mais freqüente, e embora os filhos também ajudem, parece que contam mais com as filhas.

Essa situação também foi observada em outras famílias entrevistadas. Na família Cruz, também o primeiro a migrar foi o irmão mais velho, que se manteve em contato com a família no Brasil. No entanto, foi só quando a irmã migrou é que os outros irmãos e inclusive a mãe resolveram migrar, também para a região de Boston. Leticia, após ficar viúva, emigrou com o filho pequeno para tentar uma vida melhor para os dois. Depois que emigrou foram sua mãe, irmã mais nova e o irmão. Todos moraram na casa do irmão mais velho por um tempo, mas aos poucos a irmã saiu e os outros irmãos também. Atualmente é Leticia quem centraliza as relações familiares, a mãe trabalha com ela na faxina, ajuda a irmã Clara e o irmão mais novo, Paulo, que migrou por último.

No caso da família Ramella ocorreu um arranjo diferente, pois o casal Ramella recebeu o irmão e o primo do marido, mas nesse caso eles não permaneceram por muito tempo. Segundo o casal, eles não se adaptaram ao ritmo de vida e trabalho nos Estados Unidos. Esses dados de natureza qualitativa evidenciam a importância dessas redes de parentesco que ligam mãe, filhas e netas não apenas entre si, mas também, através delas, os pais, irmãos e primos se ligam com os familiares sugerindo que, assim como nas gerações de migrantes japonesas, as mulheres são centrais nas redes de parentesco entre os imigrantes cricumenses.

As entrevistas realizadas revelam que os homens que emigram, muitas vezes deixando suas esposas, têm que confiar a estas a administração do dinheiro que remetem ao Brasil. Assim, muitas mulheres se tornam empreendedoras no Brasil, o que muitas vezes gera desconfiança dos outros familiares ou do próprio marido. O medo de trabalhar e, com o tempo, perder a família no Brasil, é recorrente entre esses migrantes, uma situação a qual seus bisavôs nunca imaginaram passar.

As mulheres, por sua vez, quando migram solteiras, encontram um outro mundo para conhecer e vivenciar bem diferente dos horizontes colocados pela cidade. Algumas entrevistadas eram jovens universitárias solteiras que queriam ter outras experiências na vida que não apenas casar e ter filhos, o que parece ser o destino reservado àquelas que ficaram. Algumas delas, quando retornam ao Brasil e encontram suas amigas casadas, perguntam-se quando vão parar de ir e vir.

Os casamentos continuam a ocorrer, mas é interessante observar que em geral os homens se casam com mulheres brasileiras, muitas vezes da mesma cidade, enquanto as mulheres brasileiras, tanto nos Estados Unidos

quanto na Itália, casam-se mais com os estrangeiros¹⁰, o que pode levantar questões sobre quais expectativas e representações existem sobre a mulher brasileira, geralmente associada à idéia de boa esposa e mãe.

Enquanto seus filhos(as) e netos(as) trabalham pelo mundo, as “nonas” e mães tocam sua vida e preparam a casa para recebê-los, muitas vezes administrando o dinheiro que é enviado. Essas questões precisam ser analisadas com mais detalhe, mas sugerem vários arranjos familiares nesse processo em que as mulheres assumem um *status* diferenciado. O contato com o Brasil, entre os emigrantes e os que ficam, é mantido através das cartas¹¹, fotos, telefonemas e, mais recentemente, através da internet, atualizando e reforçando a idéia do projeto familiar, econômico e afetivo que é a migração. Fazendo, dessa forma, com que o projeto de emigrar não seja visto apenas como desestruturador das relações familiares, um estereótipo recorrente na cidade, mas como uma realidade que possibilita novos arranjos familiares e de gênero.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados apresentados apontam para diferentes aspectos da inserção de homens e mulheres nos fluxos migratórios, evidenciando que, no passado e no presente, homens e mulheres modificam suas identidades de gênero e seu lugar na família no processo migratório. A inserção no mercado de trabalho, o aprendizado de uma nova língua, o contato com outra cultura, a possibilidade de reconstruir suas identidades, as modificações e reconstruções das relações familiares entre os dois lugares sugerem a importância de um olhar que procure perceber o processo migratório e as redes familiares que o sustentam na origem e no destino.

Os estudos de gênero podem trazer contribuições importantes para se compreender os movimentos migratórios contemporâneos. Inicialmente, as mulheres ficaram subsumidas na categoria migrante. Dessa forma, não se percebeu, nos estudos clássicos de migração, que as mulheres podem acompanhar os homens como esposas, mas nem sempre reescrevem este caminho. No passado e no presente, embora as mulheres em sua maioria migrem em grupos familiares, isso não significa que são agentes passivas nesse processo. A presença das mulheres é um fator importante para o estabelecimento dos migrantes nos locais de destino e também na formação e manutenção de redes sociais, em alguns casos diferenciadas daquelas utilizadas pelos homens. As mulheres também migraram sozinhas para fugir de poucas oportunidades ou discriminações nos locais de origem.

Ao incorporar a categoria gênero na análise dos fluxos migratórios, a migração deixou de ser analisada apenas como uma escolha racional de indivíduos sozinhos, mas emerge envolvida em redes de relações sociais, como uma estratégia de grupos familiares, de amigos ou de pessoas da mesma comunidade. Neste contexto, as

mulheres e os homens, em diferentes momentos, aparecem como os elos que ligam 'aqui e lá', através de redes sociais que ajudam nos primeiros momentos na sociedade de emigração e também ajudam a manter os laços com o lugar de origem.

Esses vários estudos demonstram diferentes aspectos da inserção das mulheres nos fluxos migratórios e revelam que, no passado e no presente, as mulheres participaram dos fluxos migratórios, o que nos instiga a pensar nas transformações das relações de gênero no contexto da migração. Portanto, quando as migrações internacionais começam a ser analisadas buscando articular gênero, classe e etnia, a migração deixa de ser um assunto masculino, fruto de decisões masculinas ou familiares.

Ao invés de pensar a migração apenas como provocando a quebra dos laços, procurei complexificar a análise demonstrando que ela também possibilita novos arranjos familiares e de gênero. Portanto, a família migrante não pode ser vista apenas como aquela cujos laços se desfazem no contexto de migração, mas como tendo suas relações reconstruídas num contexto em que também se redefinem as relações de gênero.

Iracema voou para a América, não domina o inglês, lava chão americano, mas agüenta a vida através das redes que teceu e continua tecendo em diferentes momentos de sua experiência migratória. Iracema da América...

Gláucia de Oliveira Assis é professora do Centro de Ciências da Educação da Faed/Udesc e doutoranda em Ciências Sociais pela Unicamp.

NOTAS

- 1 Trabalho apresentado no Fórum de Pesquisa nº 21, "Sentidos do Gênero", na IV Reunião de Antropologia do Mercosul. A atual versão deste artigo é resultado de várias contribuições. Agradeço a todas(os) as(os) integrantes do grupo pela leitura atenta e sugestões, e particularmente à debatedora Marisa Córrea, pela generosidade de suas observações e sugestões de leitura; a Miriam Grossi, que lançou-me instigantes questionamentos sobre a articulação entre família, etnia e classe; e a Flávia Motta, pela leitura crítica e sugestões para a versão final desse artigo.
- 2 "Os novos fluxos da população brasileira e as transformações nas relações familiares e de gênero". Projeto de doutorado em Ciências Sociais em desenvolvimento desde 1999 no IFCH/Unicamp.
- 3 Do século XIX até a metade dos anos 50, Ellis Island, onde funcionava o Departamento de Imigração norteamericano, foi o ponto de chegada da maioria dos 35 milhões de migrantes vindos aos Estados Unidos. Quando chegavam, os imigrantes eram entrevistados, examinados e, se aprovados, liberados para entrar no país. O lugar ficou fechado e abandonado durante vários anos porém, depois de uma grande reforma, transformou-se em Museu da Imigração. Ver também Foner (2000).
- 4 O conceito de gênero que perpassa grande parte da bibliografia de migração é o conceito de Scott (1990), que se refere à construção social da diferença entre os sexos. Este artigo, ao focar os aspectos relacionais nas construções de gênero no processo migratório, buscou incorporar um pouco da discussão que perpassou os vários trabalhos apresentados no Fórum de Pesquisa da IV RAM. Esses trabalhos apontam para um debate nos estudos de gênero estimulado em grande parte pelas reflexões em torno das contribuições de Strathern (1988) e Hérítier (1996), além de outras teóricas feministas. O debate que vem ocorrendo nesse campo contribui para descentrar as análises de gênero apenas de homens e mulheres (Motta 2002) e para demonstrar que o gênero circula (Córrea 1999, 2002). Nesse sentido também Grossi (1990), ao propor uma arqueologia dos estudos de gênero no Brasil, demonstra como trabalhos recentes fizeram um diálogo/debate entre Françoise Hérítier e Marilyn Strathern, recolocando a discussão do binarismo sexo e gênero e apontando para multiplicidades de masculinos e femininos.
- 5 A cidade foi batizada pelos imigrantes como São José de Cresciúma. A palavra *Criciúma*, antes grafada *Cresciúma*, indica várias gramíneas dos gêneros *Arundinária* e *Chusquea*, e provém, provavelmente, das combinações *cara* (haste), *ci* (úmido) e *imá* ou *ibá* (planta), ou ainda, de *curi* (miúdo), *chi* (lustroso, liso) e *uma* (planta). Ou seja: planta miúda e lisa (do tupi guarani).
- 6 A pesquisa foi coordenada pela professora Teresa Sales. A coleta de dados foi realizada nas cidades de Criciúma (SC) e Maringá (PR) e forneceu o histórico migratório, o perfil sócio-demográfico e a caracterização da população migrante. A equipe de pesquisa era constituída por Wilson Fusco, que coordenou o trabalho de campo, por Elisa Massae Sasaki, que coordenou o trabalho de campo em Maringá, e por mim, que coordenei o trabalho de campo em Criciúma. A pesquisa foi financiada pela FAPESP e teve por objetivo traçar a configuração das redes sociais nas cidades de origem dos fluxos de brasileiros.
- 7 Fantin (1998:46-47) analisa o contexto da invenção das festas em Santa Catarina ao longo dos anos 80, que se espalharam em várias cidades do Estado. Algumas delas, como a Oktoberfest, consolidaram-se e assumiram o caráter de festa nacional; outras se mantêm no calendário festivo turístico e outras ainda são meras tentativas que não sobreviveram à segunda ou terceira edição (caso especial de Florianópolis), abrindo um verdadeiro leque de questões a serem investigadas. Para a autora, ao discutirmos o processo de reinvenção-invenção das festas, é preciso levar em conta não só seu caráter dinâmico, que incorpora transformações, quer na ordem do contexto, quer na natureza e nas relações com seus atores. Importa pensar que mudanças são essas, como se deram e quem as promoveu: agentes institucionais, mediadores culturais, ou se são o resultado de arranjos internos promovidos por seus atores.
- 8 Os nomes que aparecem no jornal e no boletim informativo não foram modificados porque foram extraídos de documentos já publicados. Os demais nomes que aparecem neste trabalho são fictícios, com o objetivo de garantir o anonimato dos entrevistados, visto que o movimento migratório é em grande parte indocumentado.
- 9 Segundo Yanagizako (1977:208), o termo matrifocalidade enfatiza a centralidade e o poder da mãe nas relações dentro da casa/domicílio.
- 10 A irmã de Lorena, Patrícia, permaneceu nos Estados Unidos quando a família retornou para o Brasil porque estava namorando um americano, também descendente de imigrantes italianos, com quem se casou e já tem um filho. A prima de Lorena está namorando

um americano com quem espera se casar em breve e que trouxe ao Brasil no final de 2002 para conhecer a família e o país. Essa questão será tratada com mais detalhe, mas gostaria de ressaltar que, além do imaginário acerca das brasileiras presente entre os americanos, entre as brasileiras o casamento com americano é uma das estratégias de regularização do *status* migratório à qual recorrem.

- ¹¹ A exemplo do que registrei no caso dos emigrantes valadarenses (Assis 1999, 2002), o correio ajuda a estreitar os contatos através de encomendas vindas de ambos os lugares: presentes do estrangeiro e quitutes da terra natal - farinha de mandioca, farinha de milho para a polenta, roupas e objetos pessoais deixados para trás. Essa circulação de pequenas dádivas contribui para o estreitamento dos laços, pois ata os nós das redes familiares que circulam, principalmente, através das mulheres que mandam e recebem essas encomendas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARNS, Otília. 1985. *A Semente Deu Bons Frutos. Criciúma 1880-1980*. Florianópolis: Imprensa Oficial.
- ASSIS, Gláucia de O. 1999. "Estar Aqui... Estar Lá... Uma cartografia da emigração valadareense para os Estados Unidos". In R. Reis & T. Sales (orgs.), *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo.
- _____. 2000. "Os Novos Fluxos da População Brasileira e os Rearranjos Familiares e de Gênero". XXIV Encontro Anual da Anpocs. Petrópolis (RJ).
- _____. 2002. "Estar Aqui... Estar Lá... Uma cartografia da vida entre o Brasil e os Estados Unidos". *Textos Nepo 41*. Campinas: Núcleo de Estudos de População.
- ASSIS, Gláucia de O. & Elisa M. Sasaki. 2001. "Os Novos Migrantes *doe para* o Brasil: um balanço da produção bibliográfica". *Seminário Internacional Migrações Internacionais: contribuições para políticas - Brasil, 2000*. Brasília: CNPD.
- BALDIN, Nelma. 1999. *Tão Fortes quanto a Vontade. História da imigração italiana no Brasil: os vêneto em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular/UFSC.
- BÓGUS, L. M. & M. S. Bassanesi. "Do Brasil para a Europa. Imigrantes brasileiros na península itálica neste final de século". In L. Bassegio (org.), *O Fenômeno Migratório no Limiar do Terceiro Milênio: desafios pastorais*. Petrópolis: Vozes.
- BOYD, Monica. 1989. "Family and Personal Networks in International Migration: recent developments and new agendas". *International Migration Review* 23(3): 639-69.
- CHANT, Sylvia and Radcliffe. 1992. Migration and Development: the importance of gender. In S. Chant (ed.), *Gender and migration in developing countries*. London and New York: Belhaven Press.
- CORRÊA, Mariza. 1999. "O sexo da dominação". *Novos Estudos Cebrap* 54.
- _____. 2002. "Prefácio". In: H. B. Almeida, R. G. Costa, M. C. Ramirez & E. Souza, *Gênero em Matizes*. Bragança Paulista: Coleção Estudos CDAPH.
- DEBIAGGI, Sylvia. 2002. *Changing Gender Roles: Brazilian immigrant families in U.S.* New American Collection, edited by C. Suarez-Orozco & M. Suarez-Orozco. LFB Scholarly Publishing LLC.
- DONATO, Katharine M. 1992. "Understanding U. S. Immigration: why some countries send women and others send men". In D. Gabaccia (ed.), *Seeking Common Ground: multidisciplinary studies of immigrant women in the United States*. Westport, Connecticut/ London: Praeger.
- FANTIN, Márcia. 1998. "A Reinvenção das Festas: uma contribuição para o debate". In R. Fleuri & M. Fantin (orgs.), *Culturas em Relação: comentários aos debates, cursos e atividades durante o seminário internacional Educação Intercultural e Movimentos Sociais*. Florianópolis: Mover/UFSC.
- FUSCO, Wilson. 1999. "Redes Sociais na Migração Internacional: o caso de Governador Valadares". *Anais do II Encontro Nacional de Migração - ABEP/GT Migração*. Ouro Preto (MG).
- _____. 2000. *Redes Sociais na Migração Internacional: o caso de Governador Valadares*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade Estadual de Campinas/ Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.
- GABACCIA, Donna. 1992. *Seeking Common Ground: multidisciplinary studies of immigrant women in the United States*. Westport, Connecticut/London: Praeger.

- GLICK-SCHILLER, Nina, Linda Bash & Cristina Blanc-Szaton. 1992. "Towards a Transnational Perspective on Migration: race, class, ethnicity, an nationalism reconsidered". *Annals of the New York Academic Sciences* 645.
- GRIECO, Elizabeth M. & Monica Boyd. 2001. "Women and Migration: incorporating gender into international migration theory". Florida State University College of Social Sciences, Center for the Study of Population. Working paper.
- GROSSI, Miriam Pilar. 1990. "A Trajetória do Conceito de Gênero nos Estudos sobre a Mulher no Brasil". XVII Reunião Brasileira de Antropologia. Florianópolis.
- HÉRITIER, Françoise. 1996. *Masculino e Feminino: o pensamento da diferença*. Lisboa: Instituto Piaget.
- HOUSTON, Marion, Roger G. Kramer & Joan M. Barret. 1984. "Female Predominance of Immigration to the United States since 1930: a first look". *International Migration Review* 28(4):908-63.
- MARGOLIS, Maxime L. 1994. *Little Brazil: an ethnography of Brazilian immigrants in New York City*. New Jersey: Princeton University Press.
- MARTES, Ana C. B. 1999. *Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo: Paz e Terra.
- MOTTA, Flávia M. 2002. Gênero e Reciprocidade numa Ilha no Sul do Brasil. Tese de doutorado em Ciências Sociais. Campinas: IFCH/Unicamp.
- NASCIMENTO, Dorval. 1993. Formação Histórica de Criciúma (1880-1930). A elite dominante e a formação da cidade. Trabalho de conclusão de curso de pós-graduação em História. Universidade do Extremo Sul Catarinense.
- SALES, Teresa. 1992. "Imigrantes Estrangeiros, Imigrantes Brasileiros: uma revisão bibliográfica e algumas questões para pesquisa". *Revista Brasileira de Estudos de População* 9(1): 50-64.
- _____. 1999. "Identidade Étnica entre Imigrantes Brasileiros na Região de Boston". In R. Reis & T. Sales (orgs.), *Cenas do Brasil Migrante*. São Paulo: Boitempo.
- SAVOLDI, A. 1998. "O Caminho Inverso: a trajetória dos descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania". Dissertação de mestrado em Antropologia Social Social. Florianópolis: UFSC.
- SIMON, Rita J. 1992. "Sociology and Immigrant Women". In D. Gabaccia (org.), *Seeking Common Ground: multidisciplinary studies of immigrant women in the United States*. Westport, Connecticut/London: Praeger.
- STRATHERN, Marilyn. 1988. *The Gender of the Gift: problems with women and problems with society in Melanesia*. Berkeley: University of California Press.
- TEIXEIRA, José Paulo. 1996. *Os Donos da Cidade*. Florianópolis: Insular.
- THOMAS, William I. & Florian Znaniecki. 1984. *The Polish Peasant in Europe and America*. Chicago: University of Chicago Press.
- YANAGIZAKO, Silvia J. 1977. "Women-centered Kin Networks in Urban Bilateral Kinship". *American Ethnologist* 4(2):207-26.
- ZLOTNIK, Hania. 1998. "International Migration 1965-96: an overview". *Population and Development Review* 24(3): 429-68.

RESUMO

No final do século XX, a recente emigração de brasileiros para o exterior inseriu o Brasil nos novos fluxos da população mundial. Uma das características desses fluxos é o crescimento da participação feminina. Pesquisas recentes têm demonstrado a importância das mulheres nos fluxos migratórios contemporâneos como articuladoras de redes sociais na migração. Essas redes familiares e de parentesco são fundamentais tanto para aqueles que pretendem empreender a 'aventura' de migrar quanto para auxiliar nos momentos da chegada ao local de destino. Este artigo pretende demonstrar que a migração não é resultado apenas de uma escolha 'racional', mas de estratégias familiares nas quais homens e mulheres estão inseridos. Para percorrer a trajetória dos emigrantes o trabalho de campo se realizou em dois lugares: a cidade de Criciúma (SC) e a região de Boston, nos Estados Unidos. Os dados coletados a partir de entrevistas e de observação participante têm revelado que as mulheres não apenas esperam por seus maridos ou filhos, mas participam efetivamente do processo, integrando e articulando redes de migração. Os dados também sugerem que a migração provoca rearranjos familiares e de gênero ao longo do processo.

ABSTRACT

The recent emigration of Brazilians, in late XXth century, has inserted Brazil into the new worldwide population flow. One characteristic of these flows is the growth of women in international migration. In the migration literature women participation in international flows has long been analyzed as subordinated to man, but recent research has illustrated the importance of women in migration flows. This paper intends to demonstrate that migratory process is resulted not only the individual choice, but also social networks (family, kingship, friendship), in which men and women are inserted. The work discusses data from fieldwork in Criciúma (SC) and in the Boston area, in United States. The data emerged from the interviews and participant observation showing that women not only wait for their husbands or children, but also participate in the process integrating and articulating migration networks. The data also made evident the changes in the family and gender relationships, suggesting that the migratory process rearticulate these relationships. This study therefore evidences that other factors, along with the ones of economics nature, contribute for the decision of migrating and make the history of this flow.